

DA REPRESENTAÇÃO À CONSCIÊNCIA GEOGRÁFICA: O LÓCUS, A EXISTÊNCIA, O FILME

From Representation toward Geographic Consciousness: Locus, Existence and Movie

Juliana Pereira de Andrade Monteiro¹

RESUMO

Objetivamos no presente artigo delimitar um plano de discussões, fundamentando-o na relação entre educação, imagens e sua importância na contemporaneidade e as geografias produzidas, apreendidas e disseminadas a partir de uma gama de filmes (ou das imagens cinematográficas). A partir da articulação entre essas áreas, propomos discutir o que seria a consciência geográfica.

Palavras-chaves: Geografia. Linguagem cinematográfica. Consciência geográfica. Geograficidade.

ABSTRACT

This article aims to outline a plan of discussion based upon the relationship between education, images and its importance on contemporaneity and its respective geographies which are produced, apprehended and disseminated through a range of movies (or cinematographic images). From the articulation between those concepts and also related to them, we propose to discuss another concept that we call geographic consciousness.

Keywords: Geography. Cinematographic language. Geographic consciousness. Geographicity.

¹ Mestranda em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. julianamonteiro_geo@hotmail.com.

✉ Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Avenida Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, Caixa Postal: 72042-05508-080. São Paulo, SP.

GEOGRAFIAS FÍLMICAS COMO REPRESENTAÇÃO DE MUNDO²

Até há pouco tempo, as paisagens arranjavam-se em localizações fixas. Mesmo quando esses espaços intercambiavam-se, seus significados mantinham-se distintos. Entretanto, nos dias atuais a fluidez instantânea da paisagem aproximou tanto as diferenças que em suas geografias não há, aparentemente, distinção entre espacialidades topológicas, vividas, percebidas produzidas ou simbólicas (se é que algum dia houvera). As paisagens se saturam e cambiam-se com uma rapidez tão grande que o tempo e o espaço tendem a reduzir-se ao instante. Nessa rotação a paisagem se metamorfoseia com tal frequência que sua fluidez de movimentos dá a impressão de estarmos diante de uma tela de cinema. Onde antigamente tudo era permanência, hoje tudo é movimento. E o problema segue sendo o desencontro espacial do homem.

Com isso, estamos atentando para uma ressensibilização do olhar para ver o homem em sua relação mundana. Mas para tal empreendimento, a leitura do homem-no-mundo e da produção e transformação de suas paisagens, solicita o domínio de uma linguagem de movimento que as técnicas do Sensoriamento Remoto talvez não forneçam. Acreditamos que a linguagem cinematográfica esteja capacitada para isso.

Ao apresentar certo (re)conhecimento das ordenações espaciais, a linguagem cinematográfica permite o desvendamento dos elementos essenciais que influenciam na construção das paisagens. No entanto, ler um filme geograficamente é mais do que procurar elementos comumente abordados por geógrafos. É tentar compreendê-lo como

² Quando escrevemos geografia com letra minúscula, estamos nos referindo ao geográfico presente na realidade e sua relação íntima com os sujeitos. Em síntese, o geográfico se estabelece a partir dos princípios de localização, distribuição, distância, escala e densidade (MARTINS, 2007).

dotado de geografias. É perceber a sua geograficidade³ e buscar entender seus significados.

As imagens cinematográficas, como quaisquer outras possuem uma espacialidade planejada e os elementos perceptíveis da obra, arquitetados pelo diretor e pela equipe de produção dos filmes, devem atingir os significados pretendidos. Jacques Aumont (2009) afirma que as imagens são fonte de processos, afetos e significações e, por isso, são passíveis de personificação. Dentre seus valores estão o valor representativo e sua relação com a realidade sensível. Eis a importância da relação entre as imagens em movimento e as geografias produzidas pelos sujeitos: elas são capazes de captar a geograficidade dos espaços em consonância com o ser-homem-no-mundo.

No entanto, devemos salientar que os espectadores tem um hábito ingênuo de associar a imagem com o real. Embora as imagens cinematográficas “falem” da realidade é preciso relativizar essa concepção absolutista da analogia⁴ (utilizando os termos de Aumont), mas sem por isso renunciar por completo à própria noção de analogia, uma vez que, com certa moderação, é possível e cabível que tais semelhanças sejam pensadas.

A analogia é uma construção, operada por graus e utilizável convencionalmente. Sobre essa questão, Aumont (2009, p. 144)

³ Conceito desenvolvido primeiramente por Eric Dardel (2011) em seu “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica” e que tem convergências com o pensamento de Martins (2007) e Moreira (2004). Tal conceito será explanado na segunda parte do texto.

⁴ “Ainda hoje, na linguagem corrente, uma imagem realista costuma ser uma imagem que representa analogicamente a realidade aproximando-se de um ideal relativo da analogia (ideal bem encarnado pela fotografia). Logo, é importante começar por separar estritamente o realismo da analogia. A imagem realista não é forçosamente aquela que produz uma ilusão de realidade. [...] Ela nem sequer é necessariamente a imagem mais analógica possível, e define-se mais como **a imagem que fornece o máximo de informação sobre a realidade**. Ou seja, se a analogia se refere ao visual, às aparências, à realidade visível, o realismo refere-se à informação veiculada pela imagem, logo, à compreensão, à inteligência” (AUMONT, 2009, p. 151).

Da representação à consciência geográfica: o Locus, a existência e o filme

Juliana Pereira de Andrade Monteiro

alega que a mesma “tem uma realidade empírica, que lhe está sem dúvida na origem. A analogia constata-se perceptivamente, e é dessa constatação que nasceu o desejo de a produzir”. Da mesma forma, alega que “foi produzida artificialmente, no curso da história, por diferentes meios, que permitiram alcançar uma semelhança mais ou menos perfeita” (p. 144) e, por fim, “foi sempre produzida para ser utilizada em finalidades da ordem do simbólico” (p. 147); em outras palavras, a analogia está relacionada à linguagem (AUMONT, 2009, p. 147). Estamos com isso deixando claro que nosso debate trata, sobretudo, das representações da realidade apreendidas por uma câmera, e não a realidade propriamente dita.

Considerando que as práticas cinematográficas deram forma, historicamente, as nossas categorias cognitivas e, conseqüentemente, as nossas percepções espaciais, cabe-nos, então, tentar racionalizar as formas como os produtores de imagens pensam, relacionando-as aos diferentes espaços que querem representar⁵. E para isso vamos nos ater mais uma vez a Aumont.

Para o autor, a representação do espaço em imagens planas, a saber, o cinema, a fotografia e a pintura, conseguem somente reproduzir certos traços da visão do espaço, pautando-se na **profundidade** e na **perspectiva**.

A perspectiva é uma transformação geométrica, que consiste em projetar o espaço tridimensional num espaço bidimensional (uma superfície plana) segundo certas regras, e de forma a transmitir, na projeção, uma boa informação sobre o espaço projetado; idealmente, uma projeção perspectiva deve permitir

⁵ Por trás da representação fílmica dos espaços, tem-se um conjunto de técnicas que são utilizadas para a construção das imagens. Nosso propósito aqui não é o de nos ater com profundidade teórica à questão das técnicas utilizadas pela linguagem cinematográfica, mas, sim, ilustrar, de maneira simples os elementos básicos que constituem as mesmas. Acreditamos que, em uma análise fílmica detalhada, o emprego de tais teorias seja pertinente.

a reconstrução mental dos volumes projetados e sua disposição no espaço (AUMONT, 2009, p. 155).

Em sua origem, a imagem perspectiva produz uma convergência das linhas em um plano. As linhas que representam as retas perpendiculares no plano da imagem convergem em um ponto, que é o ponto de fuga principal, também conhecido como ponto de vista. Em síntese, na perspectiva o centro corresponde, automaticamente, à posição do observador humano. Logo, a perspectiva assinala uma escolha simbólica.

Da mesma forma, o **campo** demonstra simbolicamente a prerrogativa ao olhar e à sua atividade. Esta noção está ligada à impressão de realidade produzida pela imagem cinematográfica, que leva a crer na realidade do campo como espaço profundo “e também a crer que esse espaço, como o espaço visível real, não se detém nas bordas do quadro, antes se prolongando indefinidamente para além delas, na forma de um **fora-de-campo**” (AUMONT, 2009, p. 161). O campo é o resultado do **enquadramento** e dos **movimentos de câmera**.

O enquadramento refere-se ao onde e como posicionar a câmera durante as gravações. Determinar o enquadramento significa pensar sobre qual área vai aparecer na cena e qual o ponto de vista mais indicado para que a ação seja registrada. O enquadramento pode reforçar sentimentos e intenções da cena. Por exemplo: a câmera em posição elevada (voltada para baixo) pode ser usada para enfatizar a inferioridade de um personagem enquanto que a câmera baixa (voltada para cima) pode mostrar o contrário.

O **plano** cinematográfico diz respeito à proporção que os personagens (objetos ou pessoas) são enquadrados. Trata-se de uma imagem capturada por uma câmera de cinema ou vídeo, que enquadre algo, de

Da representação à consciência geográfica: o Locus, a existência e o filme
Juliana Pereira de Andrade Monteiro

forma previamente definida. A linguagem dos planos desempenhou um importante papel no sentido de desenvolver uma narrativa visual compreensível a todos.

Por fim, temos a **montagem**. Sergei Eisenstein (apud ANDREW, 2002), cineasta, filmólogo e pensador do cinema, criou uma nova técnica de montagem, chamada montagem dialética ou intelectual. Sua compreensão da montagem e a abordagem do material fílmico foram gerados através de um estudo da poesia haikai.

No próprio 'alfabeto' da língua japonesa, Eisenstein viu as bases da dinâmica do cinema. Que é um ideograma, pergunta, senão a colisão de duas ideias, ou atrações? O desenho de um pássaro e uma boca significa 'cantar', enquanto o desenho de uma criança e uma boca significa 'gritar'. Aqui, a mudança em uma atração (do pássaro para a criança) produz, não uma variação no mesmo conceito, mas um significado completamente novo. No cinema, os sentidos percebem as atrações, mas o significado cinematográfico só é gerado quando a mente supera a compreensão para prestar atenção à colisão dessas atrações. A poesia haikai, feita de ideogramas, funciona de modo semelhante. Registra uma curta série de percepções sensoriais, forçando a mente a criar seu senso de unidade e produzindo um impacto psicológico preciso. Eisenstein dá o seguinte entre vários exemplos: **Um corvo solitário sobre um galho desfolhado numa noite outonal**. Cada frase desse poema pode ser considerada uma atração, e a combinação das frases é a montagem. A colisão de atrações de verso para verso produz o efeito psicológico unificado que é a marca do haikai e da montagem (ANDREW, 2002, p. 52-53, grifo nosso).

Para Eisenstein (apud ANDREW, 2002), o cinema só é criado quando os planos independentes recebem um princípio de animação por meio dos quais são enumerados os tipos de conflito entre as atrações disponíveis ao cineasta, a saber, "o conflito de direção gráfica, de escala, de volumes, de massas, de profundidades, de escuridões e

clarezas, de distâncias focais e assim por diante" (ANDREW, 2002, p. 53). Em um posterior ensaio, Eisenstein enumera os tipos gerais de efeitos que tais colisões podem gerar.

Nossos sentidos apreendem a atração de cada plano e nossos desejos interiores compartilham essas atrações através da semelhança ou do contraste, criando uma unidade superior e uma interação de planos específicos (no nível da extensão, do ritmo, do tom, do sobretom ou da metáfora) que produz significado. A montagem é, para Eisenstein, o poder criativo do cinema, o meio através do qual as 'células' isoladas se tornam um conjunto cinematográfico vivo; a montagem é o princípio vital que dá significado aos planos puros (ANDREW, 2002, p. 53).

A função dos elementos básicos que compõem a linguagem cinematográfica⁶ (profundidade, perspectiva, campo, enquadramento, cenário, movimentos de câmera, plano e montagem) seria, exatamente, a de tornar presente à consciência os espaços e movimentos do real que se quer (re)apresentar, estabelecendo com isso uma relação entre a consciência e a realidade.

A partir dessa criação que é a obra cinematográfica e que revela pelas imagens os movimentos dos espaços e seus significados, podemos perceber as geograficidades ou as geografias, que estão presentes no mundo através do meio fílmico. Estes significados das ordenações espaciais e a apreensão de elementos que representam o estar-no-mundo é o que chamamos de **geografias fílmicas**. Quando nos referimos a essas geografias, estamos reproduzindo a ideia de que a geografia antecede qualquer forma de conhecimento. Antes de ser ou institucionalizar-se como uma ciência, a geografia é um dado da

⁶ No site eletrônico <<http://www.fafich.ufmg.br/~labor/cursocinema/>> há vídeos com amostras mais detalhadas do funcionamento de cada uma dessas técnicas mencionadas, da mesma forma, nos livros intitulados "A imagem", de Jacques Aumont (2009), e "Os cinco Cs da cinematografia", de Joseph V. Mascelli (1965).

realidade. Ela pode ser apreendida através das relações existenciais que os sujeitos estabelecem com o meio. Trata-se, sobretudo, de questões de cunho ontológico que permeiam a observação da existência, do ser, do ser e do pensamento (responsável pela construção do entendimento), do ser dos entes e do ser do espaço⁷, este último, “tido” como a categoria fundamental para o entendimento da Geografia. Além do mais, ciência geográfica e linguagem cinematográfica lidam cada qual com as suas especificidades, com um quadro de noções em comum: localização, distribuição, distância, escala, densidade, espaço, relações socioespaciais, entre outras.

De maneira geral, podemos afirmar que a produção fílmica apresenta certo (re)conhecimento das ordenações socioespaciais, o que permite o desvendamento dos elementos essenciais que influenciam na construção das paisagens. Constitui-se também em um meio de expressão capaz de transmitir ideias, valores e emoções que o espaço evoca a partir de um sistema de signos e símbolos.

Dessa forma, torna-se necessária a busca de elementos capazes de conduzir a debates contundentes em torno das diferentes propostas de análise do geográfico e a relação destas com as linguagens. A linguagem cinematográfica é aqui entendida não como simples ilustração ou imagem em movimento, mas como parte integrante do conjunto de significados passíveis de serem atribuídos a uma mesma realidade espacial, o que a torna um dos elementos que auxiliam no

infinito processo de (re)significação dos espaços, objetivo precípua da Geografia nos mais diferentes níveis formativos.

DA REPRESENTAÇÃO DE MUNDO À CONSCIÊNCIA GEOGRÁFICA⁸

Quando tratamos da relação entre a ciência geográfica e a linguagem cinematográfica, queremos construir a ideia de que os filmes tem uma função essencial para a geografia: a captação das geografias presentes na realidade e as representações de espaço e de mundo traduzidas em geografias fílmicas. Indo mais além, acreditamos que as obras fílmicas auxiliam na criação de uma consciência geográfica nos indivíduos.

Em um primeiro momento, vamos esclarecer o que entendemos por geograficidade para, posteriormente, associá-la ao que estamos denominando de consciência geográfica.

Geograficidade é um conceito bastante empregado por teóricos da corrente humanista da geografia e, da mesma forma pela geografia cultural. Ele também pode ser encontrado em poucos textos de geógrafos que se enveredaram pelas vias da ontologia. No entanto, aparece primeiramente em Eric Dardel em seu “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica”, publicado há 60 anos⁹. Com o intuito de reforçar o entendimento do ser-homem-no-mundo, Dardel

7 Entendemos que não existe concepção errada de espaço, uma vez que espaço está relacionado a concepções relativas aos níveis de compreensão que se tem ou se queira ter do mundo. Pensamos aqui em um conceito mais amplo, digamos alternativo de se conceber o espaço. Acreditamos, tomando como embasamento as reflexões de Doreen Massey (2008), que o mesmo não deve ser pensando somente como superfície e sim, dentro de outro conjunto de ideias, como heterogeneidade, relacionalidade, coetaneidade, caráter vívido, onde seja liberada uma paisagem política mais desafiadora.

8 Esse conceito está sendo desenvolvido pelo geógrafo Elvio Rodrigues Martins (2007).

9 “O Homem e a Terra’ é um típico caso de obra que estava muito a frente de seu tempo, o que resultou numa longa espera para que seus frutos pudessem aparecer. Esquecido durante décadas, mesmo na França, onde foi escrito e publicado (é visto como uma obra fora do contexto universitário geográfico da época, que por isso não produziu frutos imediatos), o livro, apesar de ter sido importante no início do projeto humanista da Geografia estadunidense nos anos de 1960 (há referências explícitas e implícitas nos trabalhos iniciais dos pioneiros Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, pelo menos), teve sua difusão mais contundente com a publicação da tradução italiana em 1986.” (MARANDOLA JR., 2011, p.XI).

Da representação à consciência geográfica: o Locus, a existência e o filme
Juliana Pereira de Andrade Monteiro

inaugura um discurso sobre a relação concreta que liga o homem à Terra sob as bases do que ele próprio designou como **geograficidade**.

Dardel (2011) associa a paisagem ao que ele chama de geograficidade humana. Essa relação sugere que há uma inscrição de elementos terrestres entre as dimensões da existência humana e vice-versa. A noção de geograficidade foi formulada a partir da noção de historicidade, que “implica na consciência que o ser humano tem de sua situação irremediavelmente temporal” (BESSE, 2011, p. 120).

Conforme nos aponta Jean-Marc Besse (2011),

A noção de historicidade é a formulação filosófica (Dardel a recebeu de Heidegger, mas também de Jaspers, de Kierkegaard) da tomada de consciência pela época de que o destino do homem é que ele se realize historicamente. Essa compreensão histórica do mundo vai outorgar a presença ao **Existir** (BESSE, 2011, p. 120).

Todas as maneiras de pensar que destacam a importância do aspecto histórico do ser humano, tanto a verdade como os valores, são relativos ao tempo. O homem é constitutivamente um ser histórico e só pode conhecer a realidade desde a perspectiva concreta de seu tempo. Toda atividade realizada socialmente pelos homens, como forma de atender suas necessidades, produzindo sua própria existência implicam na produção de ideias e orientam as ações dos homens. Todavia, “essa autorrealização, que é a existência na atualidade, tem lugar após uma **situação**, ela se manifesta através de uma **especialização**” (BESSE, 2011, p. 120). Em suma, historicidade e geograficidade se relacionam a partir da unicidade do terrestre e do histórico.

O deslocamento insensível da geleira e mesmo a imobilidade do lago temporalizam o mundo. “A água”, disse Claudel, “é o olhar da Terra, seu aparato para observar o tempo”. Há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa

ou uma lembrança. Toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento (DARDEL, 2011, p. 33).

Logo no início da primeira parte de seu livro, Dardel já utiliza o termo geograficidade: “Amor ao solo natal ou em busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma **geograficidade** (“*géographicité*”) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p. 1).

A priori, o que podemos apreender dessa passagem inicial é a antecipação dos termos do debate. O conceito Geograficidade, analisado a partir da passagem acima descrita, grosso modo, seriam as formas de existência do homem em sua relação seminal e concreta com a Terra, ou a natureza, ou o meio.

Com isso, Dardel segue o propósito fundamental da geografia clássica. São essas relações entre o homem e a Terra que “definem uma ‘geograficidade’ primordial que tem repercussões sobre o modo como devemos considerar a geografia científica” (BESSE, 2011, p. 112). Tais relações são apreendidas pelo autor como registros do terrestre no humano e do homem sobre a Terra. Em muitas passagens de seu livro, o espaço geográfico aparece essencialmente qualificado por situações concretas que afetam o homem e isso é o que prova a **especialização cotidiana que o espacializa**, utilizando seus próprios termos. Observe:

Povo das florestas, os hindus suprimiram toda a distância entre o ser interior e a natureza porque o homem vive em comunhão com a vida universal que se manifesta no clima, na vegetação e nos animais. Além desse caso extremo, uma experiência corriqueira nos incita, sem qualquer intenção literária, mas naturalmente, a declarar “grandioso” ou “selvagem”, “acolhedor” ou “hostil”

Da representação à consciência geográfica: o Locus, a existência e o filme
Juliana Pereira de Andrade Monteiro

tal aspecto da Terra que nos atinge. **Tierra Dramática, Tierra Apacible!** (DARDEL, 2011, p. 9).

Essas expressões parecem ter saltado do corpo para o espaço; o homem atribuindo à Terra características ou adjetivos que são próprios da personalidade humana. “A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo” (DARDEL, 2011, p. 31). Essa passagem prova que uma paisagem não é, em sua essência, feita somente para se apreciar. Ela é a inserção do homem no mundo, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social. Ela refere-se a um mundo onde o homem realiza sua existência.

Podemos estabelecer relações entre o conceito de geograficidade elaborado por Dardel com o entendimento do mesmo conceito explanado por Ruy Moreira a seguir:

É um conceito de existencialidade, que contrapõe-se ao conceito de contextualidade. Tirado numa analogia do conceito de historicidade utilizada pelos historiadores, que é usualmente mais corrente na literatura geográfica contemporânea, a geograficidade extrapola o sentido puro do contexto, centrando seu conteúdo no sentido da existência ou do contexto (espacial) da existência (MOREIRA, 2004, p. 34).

O autor continua:

O ponto ôntico-ontológico da tradução do metabolismo homem-meio no metabolismo homem-espaço [...] A geograficidade é o modo de expressão dessa essência metabólica – a hominização do homem pelo homem através do trabalho – em formas espaciais concretas de existência, algo que difere nos diferentes recortes do território da superfície terrestre. É o ser em sua totalidade geográfica concreta. [...] A geograficidade é, assim, o ser-estar espacial do ente – pode ser o homem, um objeto natural ou o próprio espaço (quando este é posto diante da indagação: o

espaço, o que é, qual a sua natureza) – seja qual for o caráter de sua qualidade (MOREIRA, 2004, p. 33-35).

Em outras palavras, o que impulsiona a relação homem-meio, dentre outros fatores é a necessidade de subsistência do ser humano, que vai resolvê-la pela transformação da natureza nos meios dos quais necessita. No percurso dessa transformação o homem cria seu espaço e, assim, sua própria sociedade. O trabalho é essa atividade de transformação da natureza em meios de subsistência e de produção de novos meios, repetidamente. E a paisagem humanizada é o resultado geográfico desse processo.

Entendemos isso como parte do pensamento de Ruy Moreira no que tange à geograficidade: uma reflexão acerca do significado do espaço como ser-estar-do-homem-no-mundo, da mundanidade como sentido da própria ação geográfica do homem em sociedade na história, ou seja, sua dimensão ontológica (MOREIRA, 2004).

Tanto Moreira quanto Dardel associam a realidade concreta e a geograficidade com a paisagem. Todavia, o poder do impacto da imagem poética da paisagem conduzirá Dardel a uma posição quase romântica, como pode ser visto na passagem, abaixo:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a terra, ou, se preferirmos, sua **geograficidade** original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2011, p. 31).

Para Dardel toda geografia está na análise da paisagem, que é compreendida como o que está no entorno do homem, como ambiente terrestre:

Da representação à consciência geográfica: o Locus, a existência e o filme
Juliana Pereira de Andrade Monteiro

Solo e vegetação, céu de inverno, a feição local e familiar da Terra com suas distâncias e direções, são todos elementos geográficos que se congregam na paisagem. [...] Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma 'impressão', que une todos os elementos. A mesma paisagem da Ânglia Oriental vai se compor diversamente, com a vinda da bela estação, em torno da presença do homem (DARDEL, 2011, p. 30).

Para Dardel (2011) é através da paisagem que o homem toma consciência do fato de que habita a Terra, pois ela apresenta a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra. Compreender uma paisagem é ser-na-paisagem.

Dardel reencontra, adaptando-a ao contexto de uma hermenêutica da existência, a grande intuição dos filósofos da natureza diante da paisagem, de Goethe, de Humboldt, aquela que conduziu Carus a ver na pintura da paisagem uma imagem da vida na Terra (*Erdlebenbild*). A paisagem se apresenta como uma totalidade expressiva, ela é atravessada por um 'espírito' que se concentra nela e a constitui como lugar de eleição, em uma consonância mágica com a espera humana (BESSE, 2011, p. 119).

Moreira (1997) conduz seu pensamento no sentido do entendimento da paisagem como mundo dos significados-significantes exposto como fenomenologia do arranjo das localizações. Para o autor, a paisagem também seria "a inesgotável semiologia de uma sociedade historicamente determinada" (MOREIRA, 1997, p. 50). Em suas palavras "memória materializada como corpo geográfico, daí visível, da história humana, a paisagem é uma fala do mundo com o homem por meio da linguagem simbólica, própria a todo inconsciente coletivo" (MOREIRA, 1997, p. 50).

As reflexões do geógrafo Élvio Rodrigues Martins possuem convergências com as de Dardel, principalmente no que tange à reflexão de que a geografia ou o geográfico é um dado da realidade que antecede qualquer saber. Da mesma forma, partilham da ideia de que existe uma relação concreta que liga o homem à Terra. Ambos os autores associam tal relação à noção de geograficidade.

Para elaborar e explanar o conceito, Martins parte de questões extremamente pertinentes e que permeiam o debate acerca da noção de geograficidade. Primeiramente: que objeto é esse que possui geograficidade? O que é esta geografia que está presente no objeto? Que importância essa geografia tem? Para o autor,

Esse "objeto" que possui geograficidade emerge da coexistência e da alteridade do homem em relação ao meio, da sociedade ante a natureza. E a geograficidade é dada num duplo sentido. [...] O que temos é que mediante o ato de descrever dá-se a apropriação do sujeito sobre o objeto. Em íntima e constante relação de se fundar-fundando, se determinar-determinando, a apropriação estabelecida na 'descrição' representa **simultaneamente** um trânsito de mão dupla da passagem da objetividade à subjetividade. Da senso-percepção imediata até a primeira sistematização fornecida pela descrição, fundam-se os aspectos "topo-lógicos" e "crono-lógicos" que serão ordenadores do pensamento, e por sua vez orientadores da ação do sujeito sobre a realidade. Funda-se fundando e cria-se criando. O duplo sentido (MARTINS, 2007, p. 39).

Podemos a partir dessa passagem extraída do texto de Martins, estabelecer alguns pontos em comum com a visão que Dardel tem da geografia para, em um segundo momento, prosseguir com a explanação do conceito de geograficidade elaborado por Martins. Ambos os autores, na tentativa de esboçar uma face para a geografia, adotam certa posição, da qual se apreende que a inquietude geográfica **precede e sustenta** a ciência objetiva.

Na sequência, Eric Dardel afirma:

mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. [...] É dessa primeira surpresa do homem frente à Terra e à intenção inicial da reflexão geográfica sobre essa 'descoberta' que se trata aqui, questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante [...] Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo (DARDEL, 2011, p. 1-5).

Esses autores trazem uma reflexão de suma importância e única em seu gênero sobre os fundamentos da geografia, porque permitem desenvolver uma discussão sobre o ser geográfico do ser humano. O fundamento geográfico é uma das bases constituintes do ser humano e da sociedade. Ou seja, a centralidade dessas reflexões é a ontologia humana e da sociedade, e a geografia enquanto elemento constituinte da mesma. Para desenvolver este raciocínio, Eric Dardel e Elvio Rodrigues Martins resgatam o debate da tradição geográfica, fundamentando-se em Kant (1980), La Blache (1954), Derruau (1964) Max Sorre (1968) e Pierre George (1969).

Ambas as reflexões contrapõem a redução da geografia como uma mera disciplina científica. A nosso ver, a proposta desses autores não é estritamente epistemológica; ela se embasa, sobretudo, a partir de uma interpretação global da geografia que intenta estabelecer os fundamentos e o sentido do ponto de vista da existência humana. O que se revela ao homem quando ele se coloca frente à Terra?

Concomitante a essa assertiva, Dardel assenta o seu discurso acerca da importância da reflexão geográfica¹⁰ sobre essa descoberta que é o mundo, “[...] dessa primeira surpresa do homem frente à Terra” (DARDEL, 2011, p. 2), conforme o trecho a seguir:

A geografia é, segundo a etimologia, a “descrição” da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um **texto** a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença (DARDEL, 2011, p. 2).

Sobre essa última questão **o que se revela ao homem quando ele se coloca frente à Terra?**, de acordo com Martins (2007) seria a percepção da localização e da distribuição das coisas apreendidas por processos cognitivos. Em sua constituição mais básica, é isso que o sentido do geográfico evoca.

Retornando ao conceito de geograficidade desenvolvido por Martins, acreditamos que o mesmo em suas argumentações, aborda a geograficidade enquanto relação das coisas entre si. Todo objeto supõe uma localização e, nesse sentido, é e está no espaço; só é como ente porque está em algum lugar, elemento fundamental na constituição de sua ontologia. Um objeto só possui ontologia na medida em que seu ser está ligado à sua localização e aos outros entes ao seu redor. Este

¹⁰ Pode-se estabelecer um paralelo entre o termo “**reflexão geográfica**”, empregado por Dardel e o termo “**consciência geográfica**” que vem sendo empregado por Martins (2008). Ambos os termos levam-nos a pensar na relação homem e meio, mais precisamente no reconhecimento de que a consciência dessa relação parece cada vez mais essencial.

Da representação à consciência geográfica: o Lócus, a existência e o filme

Juliana Pereira de Andrade Monteiro

encaminhamento de Martins também está presente em Ruy Moreira (2004), no entanto, de maneira mais instintiva.

Conforme Martins,

A primeira coisa a ser dita é que há uma objeção quanto a estabelecer a geograficidade como expressão espacial. O que aqui foi afirmado considerar-se-á constituída por mais que o espaço, e sim um complexo constituído das categorias de tempo, espaço, movimento, e relação, isso ante a unidade processual presente entre homem-meio, constituída pela relação objetivo/subjetivo (MARTINS, 2007, p. 41).

Embora, em princípio, a proposta fora trabalhar com o conceito/noção de geograficidade elaborada por Dardel, consideramos importante fazer uma interlocução com esses dois autores, uma vez que se trata de encontrar pontos em comum entre os mesmos para melhor compreendermos o que viria/vem a ser geograficidade. Como observado nas passagens anteriores, encontram-se algumas distinções, que não são encaradas propriamente como discórdia, mas como diferenças que suscitam dúvidas, deixando assim o debate em aberto.

Em suma, apreendemos através da leitura desses autores, que a geografia viria então a ilustrar, de maneira decisiva, o fato de que certo número de elementos da existência humana não pode ser objetivado pela ciência, e, conseqüentemente, exige outro tipo de abordagem, uma vez que "A geografia não considera a natureza, mas a relação dos homens com a natureza, relação existencial que é ao mesmo tempo teórica, prática, afetiva, simbólica, e que delimita justamente o que é um mundo" (BESSE, 2011, p. 114).

Cabe agora estabelecer relações entre os conceitos de geograficidade e consciência geográfica. A consciência geográfica seria, basicamente, a capacidade que os indivíduos têm de se perguntarem **onde estou?**,

primeiramente, a partir de suas existências. Tal consciência surge naturalmente através do reconhecimento do sentido de localização. Em um segundo momento, a consciência geográfica seria estabelecida mediante o processo educativo e pelos meios de comunicação, incluindo aí o cinema.

Em seu livro "Lógica formal / Lógica dialética", Henri Lefebvre (1979) nos apresenta uma passagem instigante. A partir dela desenvolveremos o que estamos denominando **consciência geográfica**.

No começo era o Topos. E o Topos indicava o mundo, pois era lugar. [...] O topos, na verdade, era poucas coisas: a marca, a re-marca. Para marcar, houve traços, dos animais e de seus percursos; depois, sinais: um seixo, uma árvore, um galho quebrado, um *cairn*. As primeiras inscrições, os primeiros escritos. Por pouco que fosse, o Topos já era "o homem". Assim como o sílex seguro pela mão, como a vara erguida, com boa ou má intenção. Ou a primeira palavra: O Topos era o Verbo; e algo mais: a ação, "*Am Anfang war die Tat*". E algo menos: o lugar, dito e marcado, fixado. Assim o verbo não se fez carne, mas lugar e não-lugar (LEFEBVRE, 1979, p. 24).

Dessa passagem de Lefebvre o que nos interessa é uma ideia fundamental, que diz respeito à importância da linguagem e suas expressões realizadas pelos seres humanos. Da mesma forma, essa passagem sugere que essas mesmas linguagens surgem nos/dos lugares. ("**O topos, na verdade, era poucas coisas: a marca, a re-marca**").

O trecho "**Por pouco que fosse, o Topos já era 'o homem'**", leva-nos a pensar na relação homem e meio, mais precisamente no reconhecimento de que a consciência dessa relação parece cada vez mais essencial, pois

O nosso existir, e a consciência desse existir enquanto homens, dá-se na medida em que designamos, conceituamos a realidade

Da representação à consciência geográfica: o Lócus, a existência e o filme

Juliana Pereira de Andrade Monteiro

que nos cerca, ou seja, a nossa alteridade, o meio. Podemos fundar a sua existência e agir sobre ela de maneiras distintas (MARTINS, 2007, p. 38-39).

Da mesma forma, nessa apropriação do objeto pelo sujeito, podemos inferir que existe uma relação onde se cria, criando ou onde funda-se, fundando. O homem (sujeito) dá sentido ao meio (objeto), que concomitantemente dará sentido ao homem (“**O Topos era o Verbo; e algo mais: a ação**”). Acreditamos que o meio ou a natureza são uma projeção ou extensão do homem à medida que são criações e representações suas. Por isso não é, de modo algum, exagero afirmar que o homem se reconhece nos lugares. Reconhece-se por que dá sentido a esses lugares. E mais ainda, o homem passa a ser os lugares que cria¹¹. Essa capacidade que tem os indivíduos de reconhecimento dos lugares e suas localizações é construída a partir de suas existências relacionadas à existência do que se vê ou a materialidade do mundo. O fato de existir implica em estar **localizado** e **localizar-se**, além de remeter a outros princípios, como distribuição e escala, está diretamente ligado às relações estabelecidas entre os sujeitos e o meio onde se localizam. Da pergunta fundamental “onde estou?” emerge a **consciência da localização**, da relação com os demais entes do entorno ou a **consciência geográfica**. O homem passa a se ver no mundo enquanto movimento e construção; em outras palavras, um ser que, através de processos de desenvolvimento cria a possibilidade de debater a sua condição de existência no mundo.

Enquanto um complexo constituído pelas categorias tempo e espaço e pelas noções movimento e relação ante a unidade homem e meio,

¹¹ Pode-se, dessa forma, considerar o espaço geográfico em sua origem antropológica. Assim, o discurso conduz ao entendimento das transformações impetradas pelo ser humano, enquanto sujeito consciente, representadas nas alterações do meio físico natural, no processo de construção das paisagens humanizadas, fruto de interesses, por vezes específicos e, por vezes vagos, em cada momento de sua história.

instituída pela relação de objetividade/subjetividade; a geograficidade liga-se à consciência geográfica uma vez que a percepção desse complexo se dá primeiramente por meio da localização e da distribuição das coisas apreendidas por processos cognitivos. Assim, a consciência geográfica surge no indivíduo que se reconhece enquanto ser-no-mundo. Nada mais é do que o homem reconhecendo a si próprio, sua presença no mundo e posteriormente a mundanidade como sentido da própria ação geográfica do homem em sociedade na história.

Pelo fato de reconhecer as geograficidades e ordenações espaciais e, dessa forma, permitir diferentes entendimentos sobre o mundo, as imagens cinematográficas tornam-se veículos de função epistemológica (JAMESON, 1995; 2004), pois auxiliam na criação de uma consciência geográfica nos indivíduos. Esse entendimento corrobora a ideia aqui defendida de que as imagens, sobretudo as de espaço, constituem-se em instrumentos cognitivos fundamentais para a construção do nosso pensamento. ☉

REFERÊNCIAS

- ANDREW, James Dudley. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 222p.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009. 320p.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 165-193.

Da representação à consciência geográfica: o Locus, a existência e o filme

Juliana Pereira de Andrade Monteiro

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011. 176p.

DERRUAU, Max. **Tratado de geografia humana.** Barcelona: Editorial Vicens-Vives, 1964. 681p.

GEORGE, Pierre. **Sociologia e geografia.** São Paulo: Forense, 1969. 202p.

JAMESON, Fredric. **Marcas do visível.** Rio de Janeiro, Graal, 1995. 264p.

_____. **Pós-Modernismo: A lógica cultural do Capitalismo Tardio.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004. 432p.

KANT, Immanuel. Doutrina Transcendental dos Elementos. In: **Crítica da razão Pura.** Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 37-56.

LA BLACHE, Paul V. de. **Princípio de geografia humana.** Lisboa: Edições Cosmos, 1954. 390p.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal / Lógica dialética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 301p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio à Edição Brasileira. In: DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARTINS, Élvio R. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 21, 2007, p. 33-51.

MASCELLI, Joseph V. **Os cinco Cs da cinematografia.** São Paulo: Summus Editorial, 2010. 288p.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MOREIRA, Ruy. O racional e o simbólico na Geografia. In: SOUZA, M. A. A. de; SANTOS, M.; SCARLATO, Francisco C.; ARROYO, M. (orgs.). **O Novo Mapa do Mundo.** Natureza e Sociedade de Hoje: uma leitura geográfica. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia (A geograficidade e o diálogo das ontologias). **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, n. 11, 2004, p. 21-37.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 7, n. 4, abr. 1975, p. 1-25.

SORRE, Maximilien. *Recontres de la géographie et de la sociologie.* Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie., 1968. 213p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

Submetido em Fevereiro de 2012.

Revisado em Julho de 2012.

Aceito em Setembro de 2012.